



cia.poética.apresenta.::

num
piscar
de
olhos

.::sinopse

Em uma estação de trem uma estrangeira falando russo pede ajuda para achar seus parentes que perdeu na trajetória para chegar ao Brasil. Assim começa “Num piscar de olhos”, com a atriz que narra sua entrevista com sua avó materna Helena, sol norteador do espetáculo, perguntando sobre sua família vinda da Rússia. Conforme os relatos acontecem a atriz vai interpretando a si mesma, a sua avó, sua bisavó Irina e, até mesmo, a sua trisavó russa Constanta. Essa última criada a partir do imaginário da própria atriz. Um exercício teatral que revela ao mesmo tempo a história de sua família materna bem como o processo de criação do experimento teatral. No entanto, nos relatos de sua avó, a atriz questiona ao espectador:

“O quanto das nossas memórias são reais?”

Onde estamos?

O que estamos vendo?

O que estamos representando?

Uma espécie de caverna da alma.

duração 60’



.::sobre “num piscar de olhos”

“Engraçado, parece que é a primeira vez que vejo você minha filha, Irina. Teus olhos são tão novos. Você tem muita coragem. Mas sente pena da própria mãe, porque esta vai ficar aqui. Não posso imaginar a minha vida longe dessa casa e dessa cidade que aprendi a ser minha.

Da minha Romênia.

(Constanta ao se despedir se sua filha Irina que irá para o Brasil)

Auto escavação é uma expressão que acompanha esse processo de solo teatral atuado por Giovanna Hernandez e dirigido por Elias Pintanel desde o ano de 2018. Essa escavação é árdua. Lenta. Às vezes cuidadosa e em silêncio, às vezes rompante guiada por uma chama surgida nesses trovões nossos de cada dia. Até que o trabalho chega aqui, hoje, se apresentando na frente de uma enorme caverna subterrânea. Uma espécie de caverna da alma. Onde estamos? O que estamos vendo? O que estamos representando? “Num piscar de olhos” tem como Sol norteador em sua história a figura de Dona Helena, avó materna da Giovanna. Helena é uma mulher com Alzheimer que narra a sua história e da sua família russa que veio ao Brasil em meados dos anos 1920-1930

Na cena, vemos Giovanna Hernandez interpretar sua avó e outras mulheres de sua família, assim como a si própria. Um exercício teatral que revela ao mesmo tempo a história de sua família materna e o próprio processo de criação do experimento teatral.

“A primeira vez que vi realmente a figura de minha avó, ela estava sentada na sala depois de ter preparado o almoço. Eu já era adolescente. Já tinha ouvido as histórias de meu avô, esse homem anarquista, que aparece em livros de história, dentre as primeiras greves na cidade de São Paulo. Mas a minha avó eu nunca tinha ouvido falar de suas histórias. E me perguntando sobre quem ela era é que, comecei a questionar quem eu sou”, essa é a fala de Giovanna Hernandez sobre como surgiu a vontade de criar o espetáculo.

Temos dentro de nossa cultura uma supremacia das vozes que contam as histórias. Normalmente são dos homens que elas partem ou que são mais valorizadas. O espetáculo “Num piscar de olhos” é fruto de um longo trabalho das mulheres de nossa sociedade: o de dar voz, dar presença, dar importância a todas essas mulheres que não são mencionadas ou que são esquecidas pelas histórias, ou pelos narradores. Ao mesmo tempo vemos nesse trabalho uma ação de revelar aos espectadores que nossas individualidades são na verdade o fruto de inúmeras coletividades.

Isso ocorre diante dos espectadores enquanto a atriz brinca de fazer teatro. Giovanna Hernandez transita das figuras femininas de sua vida por vários períodos da história. Essa transição é realizada enquanto ela revela o percurso de pesquisa dessas histórias, das dúvidas, das narrativas orais, dos documentos, do modo em que ela percebe essas mulheres, etc.

Com isso, a peça “Num piscar de olhos” propõe a reflexão de que os movimentos de diásporas, de imigração e emigração, não só mundo afora como no nosso continente e país, pertencem a uma identidade humana de opostos: o da esperança de uma nova vida e do terror do sofrimento e da própria morte. Prevendo criar no espectador um olhar de recepção, de acolhimento, não somente ao estrangeiro de outro lugar, mas também a uma pessoa da família. Desse modo, a figura de Dona Helena com Alzheimer em cena, nos remete a uma metáfora fortíssima sobre nós: seres incapazes de ter a noção de toda a história que escorrega sobre os dedos de nossa memória, ao mesmo tempo que construímos uma nova vida juntos

.::dramaturgia

“Essa criança vai te levar, te guiar. Um recém-nascido não tem língua, não tem pátria, não tem fronteira. Não tem uma terra para se fixar ainda. É simplesmente um sonho.”

(Constanta ao se despedir se sua filha Irina que irá para o Brasil)

A dramaturgia do espetáculo foi criada de maneira colaborativa entre os integrantes do projeto, tendo responsabilidade principal de Elias Pintanel. Ela parte dos relatos da Dona Helena e alguns outros familiares, todos registrados a partir de entrevistas feitas pela atriz Giovanna Hernandes e pela produtora Tânia Berezuku. O intuito foi registrar o início da trajetória da família de descendentes russos no Brasil a partir do que a Dona Helena se lembra ou do que ela cria.

O fato de a Dona Helena ter síndrome de Alzheimer faz com que nossa dramaturgia tenha muitos trechos que se repetem, mas que são falados ora com a mesma intenção já dita, ora com outra emoção, ora aparecendo em outros personagens na cena.

Personagens que são a sua bisavó Irina e a tataravó Constanta, esta última inventada pela atriz Giovanna Hernandes. Enquanto sua bisavó é construída cenicamente a partir do que a Dona Helena relata, a Constanta é o imaginário russo da família. Sem registros históricos (passaporte, registros de nascimentos, cartas, diários, etc) precisos sobre a vida de sua família na Rússia, o porquê da vinda para cá, as primeiras dificuldades, etc, a personagem Irina é apresentada ao público como uma figura que fala em russo e que chega ao Brasil com essa condição de não falar português e ter outros costumes.

.::ficha técnica

atuação..:Giovanna Hernandes Cardoso

direção..:Elias de Oliveira Pintanel

dramaturgia..:Cia Poética

cenário..:Victor Deluzzi

concepção de Iluminação..:Guilherme Mendes Muniz

sonoplastia..:Cia Poética

operador de som..:Elias Pintanel

operador de luz..:Guilherme Mendes Muniz

fotografia & audiovisual..:Marina Tavares e Otávio Seraphim

arte gráfica..:Otávio Seraphim

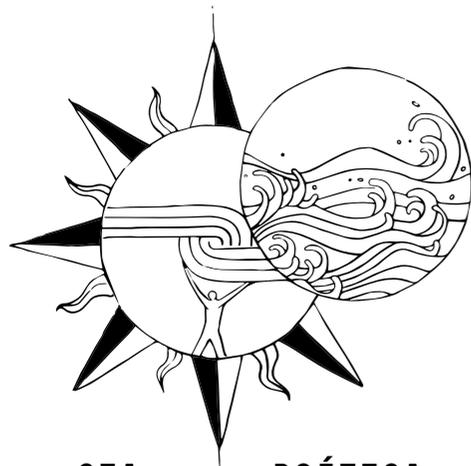
produtora..:Tânia Berezuku

produtor executivo..:Paulo Vitor Previatto

assistente de produção..:Pedro Sogayar



.::sobre a cia poética



CIA.
TEATRO

POÉTICA
EXPERIMENTAL

A A Cia Poética de Teatro Experimental teve seu cerne inicial em Pelotas/RS, dentro de um projeto universitário da UFPEL chamado Núcleo de Teatro (2011-2013). Elias Pintanel e Giovanna Hernandez, então em Campinas/SP em meados do ano de 2014, deram seguimento a pesquisa teatral voltada a criação de personagem e de dramaturgia, oficializando a criação da Cia Poética com os trabalhos “Quando as máquinas param” (2014), texto de Plínio Marcos, e “Pós-Fausto” (2014-2017).

Em 2017 os dois integrantes fundadores se mudaram para a cidade de Botucatu/SP, sediando a Cia Poética no interior do estado paulista. Desde o início de 2019 faz parte do grupo a produtora Tania Berezuku, A Cia Poética de Teatro Experimental tem como guia de seu trabalho a exploração do trabalho de interpretação e de criação dramaturgica própria.



. : : currículos

Giovanna Hernandes Cardoso [atriz]

Membro e fundadora da Cia Poética de Teatro Experimental de Botucatu/ SP. Bacharela em Artes Cênicas Unicamp; Docente do Técnico em Teatro do SENAC- Jaú/ SP; Docente e Coordenadora do curso de Teatro na Escola Artistas S/A de Botucatu/SP. Participou como estagiária do projeto Ademar Guerra/ SP. Atuação no curta metragem “ Contra o tempo” (2011). Oficinas com Jesser de Souza LUME (2012); “Análises ativa” com Marina Tenório e Diego Moscovitch (2015); “Jogos de ensemble e estrutura, os princípios teatrais” de Michael Chekhov com Ma Zhenghong e Alejandro Gonzáles Puche.(2017). Principais trabalhos como atriz: “Experimento solo: Sylvia” (2012), direção Elias Pintanel, Pelotas/RS;; “Duty Free” (2014), direção Verônica Fabrini e Andreas Simma- Campinas/ SP;; “ Santa Joana dos Matadouros”(2014), direção Matteo Bonfido, em Campinas/ SP; “ Os Pequenos Burgueses” (2015), direção Marcelo Lazzaratto; Solo “ num piscar de olhos” (2018 / 2019) direção Elias Pintanel. Principais trabalhos como diretora: “ O berço do herói” Dias Gomes (2018); “ Ópera do Malandro” Chico Buarque (2019).

Elias Pintanel [diretor]

Membro e fundador da Cia Poética de Teatro Experimental de Botucatu/ SP. Mestre em Artes da Cena pelo programa de pós-graduação da UNICAMP com o trabalho: “Do corpo-couraçã a fluência expressiva: contribuições da bioenergética na preparação de atores” (2017) (Esse trabalho foi financiado pela CAPES). Possui graduação em Teatro Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas (2014). Tem como principais trabalhos como ator: “Aqui estamos com milhares de cães vindos do mar” (2015- 2019), direção de Rodrigo Spina (Melhor espetáculo adulto – APCA 2015); “ Diásporas” (2017), direção Marcelo Lazzaratto; “Pós-Fausto” (2011-2017), direção de Adriano Moraes. Como diretor destaca- se: “ Experimento solo: Sylvia” (2012); “Piratini, canta os Farrapos” (2012); “Ensaio para um fracasso” (2013); “História de Gente e Bicho” (2014); “Capaz” (2018) e “Um grito para no ar” (2018); “Num piscar de olhos” (2018 - 2019) e “ Quanto você tem de acesso as páginas da vida?” (2019), onde assina direção e dramaturgia. Atualmente atua também como professor do curso Técnico em Teatro pelo Senac de Botucatu/SP.

Tânia Berezuku Hernandes Cardoso [produtora]

Membro da Cia Poética de Teatro Experimental de Botucatu/ SP. Advogada- oab/sp 412.314 e Pedagoga. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (2013). E graduação em Direito na Instituição Toledo de Ensino Botucatu (2017). Cursos na área de Produção Cultural: Curso Integrado Bastidores da Cena do Lume Teatro (2016); Curso de Modos de Fazer: Produção e Gestão de Trajetórias Artísticas - Dani Sampaio - Sim Cultura (2017); Curso de Produção - O Averso da Cena - Romulo Avelar - Sim Cultura (2018). Trabalhos com produção: Produtora local do Espetáculo infantil “ O Dragão de Fogo” - Direção Marcelo Lazzarato (2018); Produção local da Cia Benedita na Estrada com Mirna Rolim e Bruno Dutra - (2018); Assistente de Produção no Cabaré Mirante das Artes: Produção local do Show de Claudio Lins - Expresso Brasileiro (2019). Produção Geral do Experimento Cênico Num Piscar de Olhos em 3 apresentações ocorridas em 2019 (Casa da Juventude – Teatro Municipal 27/ 09 e Estação Ferroviária(30 /11 e 01/12), todos de Botucatu/ SP; Produção Geral do Teatro Musical Ópera do Malandro – Escola Artistas S/A (7, 8, 9,14,15 e 16 de novembro).



Guilherme Mendes Muniz [iluminador]

Ator, preparador corporal e iluminador na cidade de Curitiba-PR. É Bacharel em Artes Cênicas pela UNESPAR -Paraná do ano de 2016. Integrante do, da Cia Café Preto e do Coro Cênico de Curitiba. Seus principais trabalhos com iluminação e operação de luz são: espetáculo “Rockville” (2013) com direção de Gessé Malmann; “3962” (2014) com direção de Gessé Malmann; “O Homem de Okinawa” (2015) com direção de Franco Caldas Fuchs; “Nem te Contos... Meus Medos!” (2016) com direção de Andreson Novello; “Murro em Ponta de Faca” (2017) com direção de Paulo José, “Autobiografia de todo mundo” (2017-2018) com direção de Caio Monczak, “Outra Palavra” (2018) com direção de Máira Lour.

Victor Deluzzi [cenógrafo]

Ator e docente de teatro, formado pelo Teatro Escola Célia Helena no ano de 2017. Como docente de teatro na Casa de Cultura Celina Neves (Bauru) e no curso técnico de formação de atores do SENAC Durante sua formação, obteve contato com diversas frentes como: atuação, cenografia, maquiagem, produção, preparação vocal e corporal, entre outras. Participou do GATS – Global Alliance of Theatre Scholls em Lima – Perú (2016), como ator no espetáculo “Não há justiça em Roma” dirigido por Elisa Ohtake. Atualmente dedica-se à atuação, cenografia e integra as companhias Mariza Basso Formas Animadas, onde atua como ator / manipulador, e Mythus Teatro nas funções de ator e cenógrafo.



.::oficinas

“Teatro e Memória”

com Giovanna Hernandes

A oficina trabalha a partir de exercícios da prática somática e jogos teatrais. A antiginástica de Thérèse Bertherat (1970) é umas das práticas usadas. O objetivo da técnica é mostrar que cada corpo tem uma história e cabe a nos a conhecê-la ou reconhecê-la. O nosso corpo é a nossa morada e a pele são as paredes que tudo escutam que tudo sabem. Através de exercícios corporais os participantes da oficina são convidados a deixar o corpo contar sua história através de movimentos, ações, sensações, reverberações, contato, etc. A segunda etapa da oficina é fazer a transição dessa pesquisa para uma partitura de ações para um acontecimento cênico. Como o processo de criação do solo “Num piscar de olhos”. Para isso partiremos de três perguntas: “O que é o corpo?”, “O que é sua casa?” e “O que é o outro?”.

Número de participantes: no máximo 15 pessoas.

Duração: 2 dias com duração de 3h cada encontro.

Público Alvo: para pessoas acima de 16 anos.

“Dramaturgia Corporal – Atenção e energia no trabalho cênico da atriz e do ator”

com Elias Pintanel

Oficina dedicada a experimentar através de práticas teatrais a relação da atenção com o trabalho atoral de construção cênica a partir do funcionalismo energético do ator. A dramaturgia corporal, aqui vista como matriz da partitura de ação física, se constrói a partir da atenção do artista, de sua qualidade de percepção de si e do entorno: funcionando como uma espécie de filtro dos estímulos no ambiente em que nos encontramos. Possibilitando ao ator e a atriz afinar a sua capacidade de redimensionar o seu fazer teatral, ampliando sua conexão sensível aos estímulos percebidos e trocados, vinculados a uma construção cênica. Esta oficina está relacionada a um dos princípios de criação e preparação atoral da Cia Poética. Criação que se vincula às vertentes teatrais contemporâneas, onde pedagogias do artista da cena pesquisam práticas/saberes que propõem a desconstrução de hábitos ou padronizações expressivas como base da criação artística.

Número de participantes: no máximo 15 pessoas.

Duração: 2 dias com duração de 3h cada encontro.

Público Alvo: para atores, atrizes, artistas da cena acima de 16 anos.

“Modos de produção teatral”

com Tânia Berezuku e Paulo Vitor Previatto

A oficina tem o objetivo de transmitir informações e conhecimentos fundamentais acerca da realização de produção de espetáculos e turnês a partir da exposição de fatos reais retirados da trajetória e vivência dos ministrantes da oficina. O encontro transita por questões gerais como planejamento estratégico, elaboração de projetos, cronograma de execução, comunicação, divulgação e a colaboração entre profissionais multidisciplinares, despertando a troca de experiências entre produtores, grupos consolidados e jovens artistas.

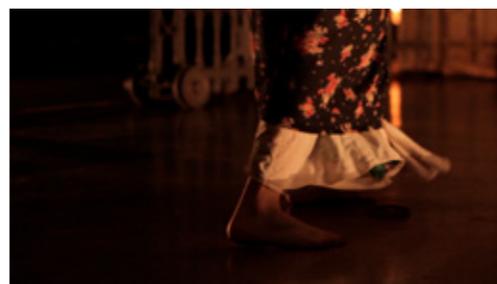
Número de participantes: máximo 20 pessoas.

Duração: 1 dia com duração de 4 horas cada encontro.

Público Alvo: grupos de teatro, atores e pessoas ligadas a arte da cena.



.::imagens [apresentações na Estação Ferroviária de Botucatu nos dias 30.11 e 01.12 de 2019]



.::teaser(s)



assista: youtu.be/CRJwjeOdEys



assista: youtu.be/l-m6vZwhJok

[/ciapoeticateatral](#)



[@ciapoetica](#)



14 9 9779 2384



ciapoeticateatral@gmail.com

